

O MEMBRO INFERIOR CENTRAL E AS PERIPÉCIAS DA LÍNGUA

Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

Eu gosto da língua. Da portuguesa falo. Algumas pessoas acham a língua erótica. Via de regra é. Um grande amigo que se foi me confirmou: geograficamente, via de regra é a prova (de que é erótica). Quando da portuguesa falo, logo meus amigos perguntam: como é o nome dela? Eu respondo: ... da língua portuguesa falo e, não, da língua da portuguesa o falo. É uma reparação linguística para nos situarmos em tempos do politicamente correto. Já falei disso algumas vezes aqui na Coluna Opinião. A língua - músculo que se abriga na boca - é cada vez mais usada nas celebrações humanas. Inclusive, a garotada comemora nas festas: *hoje foram oito; ih, perdeu, peguei 12* (línguas, claro). Caminho da regra (via de regra), enquanto comemoram a musculação lingual interlúdica reclamam de *com açúcar, com afeto, fiz seu doce predileto*, na expressão maior buarqueana da outra língua – a portuguesa. É contraditório a língua falada ser cancelada pelos mesmos que celebram a língua linguada. Chego à conclusão de que a liberdade de expressão deixou de ser um tema a ser debatido com seriedade, qualquer que seja o lugar da contenda, do pé-sujo ao Supremo. Assim como alguém proíbe *com açúcar, com afeto*, alguém libera *estuprar sua mãe e suas filhas* nas redes sociais e em alguns palanques de parlamentares. Olha só pessoal da Coluna Opinião, enquanto a esquerda e a direita continuarem cancelando a linguagem da cultura brasileira, da poesia, da literatura, da música e defenderem a ofensa pessoal com base na violência, em nome das idiossincrasias do politicamente correto pra cada um, tudo misturado num saco de gatos chamado liberdade de expressão, estamos caminhando para colocar a língua como órgão em extinção. Isso sem falar nos zap-zaps, tiktoks e novas modalidades rsrs, kkks e emojis japoneses. Existem vários órgãos em extinção do corpo humano, segundo pesquisadores pós-darwinianos da antro-po-bio-tecno-paleo-arqueologia cibernética. São eles: as amígdalas, o apêndice, o baço, a vesícula biliar, o timo, o dedo mindinho, o dente siso, a sobancelha, no que pode levar alguns milhares de anos. Eu acho essa estimativa muito generosa.

Posso palpar, como num jogo entre Náutico e Sport que, no máximo daqui a uns 78 anos, isso ocorrerá. Algumas correntes científicas acrescentam que diante da expansão da fome, esôfago e estômago serão também extintos (77 anos?). E nem vou tocar nos órgãos pênis e vagina já em franca extinção (69 anos?). Fora que o cérebro já foi extinto na maioria de nossos parlamentares e jogadores de futebol. Mas, estamos falando de língua. Quando eu estava no 2º grau meus amigos brincavam com as meninas (hoje seria proibido) perguntando *you know what I have in my pants?* O gaiato perguntador, diante do silêncio constrangedor, sempre tinha a resposta pronta: o pé da mesa, o risco entre uma coxa e outra, a letra R, o joelho, essas coisas... Mas eu sempre tinha uma coisa no meio das minhas pernas: uma caneta. Mania. Eu enfiava a caneta no meio das pernas pra ficar pronto pra andar nas folhas em branco a qualquer momento. Botei isso na cabeça: era o meu membro inferior central que me possibilitava ter três pernas. Duas para andar e uma para caminhar. Mas ainda faltava alguma coisa. Depois das aventuras lácteas com minha mãe, anos bem depois, talvez dez anos, onze (?), a língua compartilhada de Eurílis, minha primeira namorada, me ensinou que o compartilhamento de línguas exigia de mim um membro inferior central para explicar o que são as coisas da vida: uma caneta. Não deu outra. Tenho absoluta certeza, como tenho que vou morrer um dia, que Eurílis gostou mais da minha primeira poesia do que meu primeiro beijo de língua. Estávamos sentados após o beijo inaugural. Do meio das pernas saquei meu membro inferior central - a caneta - e tasquei-lhe o poeminha cheio de estrelas, sol e lua... Ali, enfim, nasceram minhas peripécias linguais. Minha mãe falava sempre pro meu pai quando ele perdia na loteria: AZAR NO JOGO SORTE NO AMOR. Quando contei meio choroso que Eurílis tinha terminado o namoro comigo, mãe falou AZAR NO AMOR SORTE NO JOGO, VAI JOGAR BOLA. Como sempre fui ruim de bola, hoje meu esporte predileto é usar meu membro inferior central - a caneta - em peripécias linguais... e sigo... ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.